

Revolução na Amazônia

ELISEU PADILHA*

Os números que retratam o avanço da economia brasileira às vezes surpreendem. Vejamos, por exemplo, a vertiginosa expansão das nossas fronteiras agrícolas e suas reais e majestosas potencialidades.

Hoje, tomando apenas os afluentes do lado direito da calha do Rio Amazonas, é possível, tomadas algumas providências na área de transportes, aproveitar pelo menos mais 5,6 milhões dos 9,9 milhões de hectares potencialmente agricultáveis nas regiões Norte e Centro-Oeste sob sua influência.

Isso equivale a dizer que, se garantida a plena trafegabilidade da BR-163 e a plena navegabilidade do Rio Tapajós-Teles Pires, até Cachoeira Rasteira (MT), em apenas dois anos será possível produzir cerca de 8 milhões de toneladas de grãos, o dobro da produção atual.

Em 10 anos, mantida a atual legislação de proteção ambiental que limita o aproveitamento agrícola daquelas terras e viabiliza os transportes pela BR-163 e pelo rio Tapajós, todos os 5,6 milhões de hectares disponíveis estariam totalmente aproveitados. Ao fim desse tempo – que poderá ser menor dependendo do volume de recursos disponibilizados para o setor agrícola – essa região estaria produzindo de 25 a 30 milhões de toneladas de arroz, soja, milheto, sorgo e milho em duas safras anuais.

Não se pode desconsiderar o potencial da chamada agricultura tropical, típica das terras localizadas no Alto Amazonas, na calha do Solimões, banhadas pelos rios Purus, Juruá e Jutai. Essa região é marcada por algumas áreas de terras mais altas e imensos baixios, aproveitados apenas no período de seca.

Dessa agricultura produzem-se, hoje, cerca de 10 mil toneladas/mês de dendê, coco, castanha, cupuaçu, mandioca, acerola, açaí, maracujá, banana, juta, entre outros. É claro que a demanda por esses produtos tem tido crescimento lento. A falta de qualidade dos produtos compromete uma comercialização melhor, mas, com uma nova filosofia na produção, no transporte e na comercialização, ela crescerá muito.

Na margem esquerda da calha do Amazonas o potencial agrícola é todo de Roraima. Nele, o Rio Branco corta uma imensa região de campos naturais e cerrados ralos, com 4 milhões de hectares agricultáveis. Pela legislação, somente 20% das áreas podem ser imediatamente incorporadas ao plantio, para uma nova produção estimada em 3 milhões de toneladas.

Ciente dessa nova realidade da produção primária nacional é que reconhecemos o crescente e fundamental papel desempenhado pelos 10 mil quilômetros do complexo hidroviário do Rio Amazonas. Ao compararmos esse complexo com o do Mississipi, nos Estados Unidos, com seus 8 mil quilômetros navegá-

veis – incluindo seus principais afluentes – não podemos ser modestos. O potencial do nosso Amazonas é proporcionalmente maior.

O Amazonas já era reconhecido como importantíssimo em decorrência do volume de suas águas, de sua extensão, de sua função integradora nacional e internacional. Agora, passa a ser reconhecido, também, como o maior complexo hidroviário para a economia da América Latina, graças aos investimentos na logística e integração dos meios de transportes associados à produção primária que ele está viabilizando.

Ao conferir prioridade à navegação interior, incluindo-a no programa Brasil em Ação, e ao investir na infra-estrutura viária com integração multimodal associada à produção de larga escala, o presidente Fernando Henrique Cardoso lança as bases para uma nova revolução agrícola brasileira.

Imprime, ao mesmo tempo, um novo ritmo no processo de ocupação ordenada da Amazônia ao fazer com que grande parte do país que estava de costas para esse potencial volte-se para a Bacia Amazônica como viabilizadora do antigo sonho de se fazer do Brasil o celeiro do mundo. O que parecia utopia está no horizonte bem próximo, fruto da infra-estrutura agora disponível, da larga competitividade alcançada e de fé neste novo e grande Brasil.

*Ministro dos Transportes

Documentação

Fonte: JORNAL DO BRASIL

Data: 11/01/99

Pg: 9

Class: 12